

CEJA >>

CENTRO DE EDUCAÇÃO
de JOVENS e ADULTOS

**CIÊNCIAS
HUMANAS**

e suas **TECNOLOGIAS** >>

Filosofia

Fascículo 3
Unidades 5 e 6

Edição revisada 2016

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Governador
Luiz Fernando de Souza Pezão

Vice-Governador
Francisco Oswaldo Neves Dornelles

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Secretário de Estado
Gustavo Reis Ferreira

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO

Secretário de Estado
Antônio José Vieira de Paiva Neto

FUNDAÇÃO CECIERJ

Presidente
Carlos Eduardo Bielschowsky

PRODUÇÃO DO MATERIAL CEJA (CECIERJ)

Coordenação Geral de
Design Instrucional

Cristine Costa Barreto

Elaboração

Marco Antonio Casanova

Atividade Extra

Bárbara Sales Castelhana

Carlos Henrique M. Veloso

Revisão de Língua Portuguesa

Paulo Cesar Alves

Coordenação de
Design Instrucional

Flávia Busnardo

Paulo Vasques de Miranda

Design Instrucional

Elaine Perdigão

Heitor Soares de Farias

Rômulo Batista

Marcelo Franco Lustosa

Coordenação de Produção

Fábio Rapello Alencar

Projeto Gráfico e Capa

Andreia Villar

Imagem da Capa e da Abertura das Unidades

Andreia Villar

Diagramação

Alessandra Nogueira

Bianca Lima

Juliana Fernandes

Juliana Vieira

Patrícia Seabra

Ronaldo d' Aguiar Silva

Ilustração

Clara Gomes

Fernando Romeiro

Jefferson Caçador

Sami Souza

Produção Gráfica

Verônica Paranhos

Sumário

Unidade 5 | A presença do belo e o pensamento estético 5

Unidade 6 | Filosofia da arte e arte no mundo transformado 33

Prezado(a) Aluno(a),

Seja bem-vindo a uma nova etapa da sua formação. Estamos aqui para auxiliá-lo numa jornada rumo ao aprendizado e conhecimento.

Você está recebendo o material didático impresso para acompanhamento de seus estudos, contendo as informações necessárias para seu aprendizado e avaliação, exercício de desenvolvimento e fixação dos conteúdos.

Além dele, disponibilizamos também, na sala de disciplina do CEJA Virtual, outros materiais que podem auxiliar na sua aprendizagem.

O CEJA Virtual é o Ambiente virtual de aprendizagem (AVA) do CEJA. É um espaço disponibilizado em um site da internet onde é possível encontrar diversos tipos de materiais como vídeos, animações, textos, listas de exercício, exercícios interativos, simuladores, etc. Além disso, também existem algumas ferramentas de comunicação como chats, fóruns.

Você também pode postar as suas dúvidas nos fóruns de dúvida. Lembre-se que o fórum não é uma ferramenta síncrona, ou seja, seu professor pode não estar online no momento em que você postar seu questionamento, mas assim que possível irá retornar com uma resposta para você.

Para acessar o CEJA Virtual da sua unidade, basta digitar no seu navegador de internet o seguinte endereço:
<http://cejarj.cecierj.edu.br/ava>

Utilize o seu número de matrícula da carteirinha do sistema de controle acadêmico para entrar no ambiente. Basta digitá-lo nos campos "nome de usuário" e "senha".

Feito isso, clique no botão "Acesso". Então, escolha a sala da disciplina que você está estudando. Atenção! Para algumas disciplinas, você precisará verificar o número do fascículo que tem em mãos e acessar a sala correspondente a ele.

Bons estudos!



A presença do belo e o pensamento estético

Fascículo 3
Unidade 5

A presença do belo e o pensamento estético

Para início de conversa..

O pensamento filosófico possui vários caminhos de realização. Por que isso acontece? Porque o pensamento filosófico trata fundamentalmente da experiência humana em sua relação com as possibilidades de conhecimento e porque essa experiência é marcada por uma riqueza primordial. Muitas são as formas de relação com as coisas, muitos são os modos de apreensão de diferenças.

Aristóteles, na primeira linha de uma de suas obras mais importantes, chamada *Metafísica*, nos diz algo bem interessante sobre isso. Ele afirma que “todo homem tende por natureza ao saber” e, para explicar o que tem em vista com essa afirmação, prossegue: “É o que nos revela o amor pelas percepções sensíveis. E, dentre elas, mais do que todas, pela visão. Porque a visão é, dentre as percepções sensíveis, aquela que veicula o maior número de diferenças”.

Pensar é de certa forma apreender diferenças, descobrir facetas antes encobertas das coisas e se deixar levar pelo questionamento radical dessas facetas. Na presente unidade, trataremos de uma dessas possibilidades de relação com o que se mostra: a possibilidade estética, ou seja, a possibilidade de pensar uma ligação com as coisas mediada pela noção do belo.

Saiba Mais

O termo “estética” vem diretamente do grego “aisthesis”, que significa algo como percepção sensível, como sensibilidade, como relação sensível com as coisas. Sua relação com a “estética” como um setor da filosofia voltado para a tentativa de pensar o que acontece conosco quando chamamos algo de belo, o que torna uma coisa bela ou o que constitui propriamente o ato criador presente na atividade artística nasce da descrição de nossa relação com a arte como uma relação marcada pelos sentidos.



Figura 1: As três graças – quadro de Rafael Sanzio – 1503-1504.

Objetivos de aprendizagem:

- Reconhecer os elementos constitutivos da reflexão estética;
- acompanhar até que ponto a estética se mostra como um âmbito de reflexão filosófica;
- descobrir as várias possibilidades de determinação do fenômeno estético e a sua ligação com o problema da verdade;
- distinguir algumas posições tradicionais acerca do problema da estética: Platão, Aristóteles, Kant e Nietzsche;
- perceber a diferença entre estética e filosofia da arte, diferença essa que será tratada na próxima unidade.

Seção 1

O surgimento do problema estético: a relação entre arte e verdade em Platão (428/427 – 348/347 a. C.):



V – Sócrates – É o que me disponho a fazer, Ion, para explicar-te o que me parece ser a causa do que dizes. O dom de falares com facilidade a respeito de Homero, conforme concluí há pouco, não é efeito de arte, porém resulta de uma força divina que te agita, semelhante à força da pedra que Eurípides denomina magnética (...). Porque essa pedra não somente tem o poder de atrair anéis de ferro, como comunica a todos eles a mesma propriedade, deixando-os capazes de atuar como a própria pedra e de atrair outros anéis, a ponto de, por vezes, formar-se uma cadeia longa de anéis e de pedaços de ferro, pendentos uns dos outros; e todos tiram essa força da pedra. Do mesmo modo, as Musas deixam os homens inspirados, comunicando-se o entusiasmo destes a outras pessoas, que passam a formar cadeias de inspirados. Porque os verdadeiros poetas, os criadores das antigas epopeias, não compuseram seus belos poemas como técnicos, porém como inspirados e possuídos, o mesmo acontecendo com os bons poetas líricos. Iguais nesse particular aos coribantes, que só dançam quando estão fora do juízo, do mesmo modo os poetas líricos ficam fora de si próprios ao comporem seus poemas; quando saturados de harmonia e de ritmo, mostram-se tomados de furor igual ao das bacantes, que só no estado de embriaguez característica colhem dos rios leite e mel, deixando de fazê-lo quando recuperam o juízo. O mesmo se dá com a alma do poeta lírico, como eles próprios o relatam. Dizem-nos os poetas, justamente, que é de certas fontes de mel dos jardins e dos bosques das Musas que eles nos trazem suas canções, tal como as abelhas, adejando daqui para ali do mesmo modo que elas. E só dizem a verdade. Porque o poeta é um ser alado e sagrado, todo leveza, e somente capaz de compor quando saturado do deus e fora do juízo, e no ponto, até, em que perde todo o senso. Enquanto não atinge esse estado, qualquer pessoa é incapaz de compor versos ou vaticinar. Porque não é por meio da arte que dizem tantas e tão belas coisas sobre determinados assuntos, como se dá contigo em relação a Homero [...]

(Platão, Ion, 533d-534e).



Coribantes

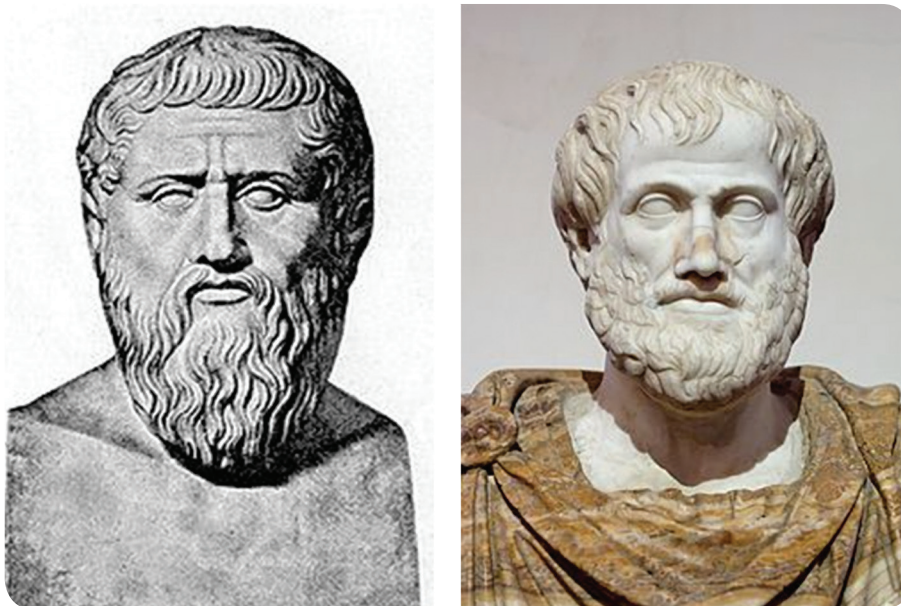
Coribantes são personagens mitológicos que, no serviço ao divino, dançavam ao som de flautas e outros instrumentos.

A passagem do texto de Platão contrapõe claramente o modo de criar dos poetas e dos artistas em geral ao modo de criar dos artesãos. Um artista fala, pinta ou compõe por inspiração, deixando-se tomar pelo divino, enquanto um artesão constrói suas obras por meio de seu conhecimento técnico, de seu know-how.

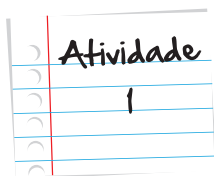
Isso não é muito diferente do que pensamos cotidianamente. Artistas nos espantam e nos enchem de admiração, exatamente porque não conseguimos entender a princípio como eles puderam dar voz às suas obras.

Todavia, não é isso apenas que Platão está nos dizendo. Como os artistas são, segundo ele, inspirados pelo divino, eles não têm acesso à verdade divina que eles expressam. Isso é uma outra forma de dizer que é tarefa do in-

térprete não artístico, daquele que não se encontra tomado pelo entusiasmo criador, perguntar sobre a verdade das obras de arte. Eis aqui o ponto de ligação entre arte e verdade. A arte tem uma ligação com a verdade, que precisa ser descoberta no interior da interpretação da obra de arte. Vamos ver como isso funciona?



Figuras 2 e 3: Esculturas de Platão e Aristóteles.



Descobrimo a verdade contida nas obras de arte:

Partindo de algumas obras, explicito o conteúdo de verdade que há nelas. Siga o exemplo.

“

Quis saber o que é o desejo, de onde ele vem, fui até o centro da terra e é mais além. Procurei uma saída, o amor não tem. Estava ficando louco, louco de querer bem”.

(Trecho da música Tanta saudade, de Djavan.)

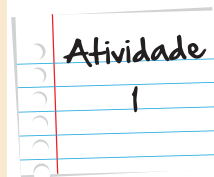
”

A música fala sobre a inesgotabilidade do desejo, sobre a impossibilidade de encontrar medidas definidas para o amor. Assim, quanto mais queremos algo ou alguém, mais corremos o risco de perdermos a razão e nos aproximarmos da loucura.

1. “

A lembrança é o único paraíso do qual nunca poderemos ser expulsos.” (Poema – Jean Paul.)

”



2. “

Uma lata existe para conter algo. Mas quando o poeta diz: ‘Lata’, pode estar querendo dizer o incontível./ Uma meta existe para ser um alvo. Mas quando o poeta diz: ‘Meta’, pode estar querendo dizer o inatingível.

(Trecho da música Metáfora de Gilberto Gil.)

”

3. “

Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas e iguais também porque o sangue, que usamos tem pouca tinta./ E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte, de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida).”

(Trecho de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto.)

”

4. “

Poemas são como vitrais pintados! Se olharmos da praça para a igreja, Tudo é escuro e sombrio; E é assim que o Senhor Burguês os vê. Ficaré agastado? — Que lhe preste!... E agastado fique toda a vida! Mas — vamos! — vinde vós cá para dentro, Saudai a sagrada capela! De repente tudo é claro de cores: Súbito brilham histórias e ornatos; Sente-se um presságio neste esplendor nobre; Isto, sim, que é pra vós, filhos de Deus! Edificai-vos, regalai os olhos!” (Poema de Johann Wolfgang von Goethe.)

”

Anote suas respostas em seu caderno

Seção 2

Aristóteles (384 a 322 a. C.) e a potência estética – O lugar da arte na existência humana

A arte, contudo, não precisa ser necessariamente pensada em sua ligação direta com o problema da verdade, ela não precisa ser considerada como uma forma intuitiva, imediata e não refletida de dizer como as coisas são. Ao contrário, ela pode ser descrita nela mesma, segundo as suas características e as suas formas, o seu lugar na existência humana e a sua importância para cada um de nós. Foi isso, aliás, que fez um outro filósofo, discípulo de Platão, chamado Aristóteles.

Seguindo uma posição antes defendida por seu mestre, Aristóteles procura pensar de maneira ainda mais radical a arte como “imitação”, como repetição de certas estruturas presentes na vida. No entanto, precisamos tomar um pouco de cuidado com essa definição. Ao escutarmos a afirmação de que a arte é “imitação”, poderíamos pensar que o artista simplesmente copiaria situações presentes na vida comum. Todavia, não é difícil perceber como essa conclusão é precipitada. Vejamos um quadro de uma situação que nos é bem conhecida:



Figura : Bandeira Branca e Verde.

Esse é um dos muitos quadros do pintor ítalo-brasileiro Alfredo Volpi em torno de pequenas bandeirinhas. A cena é facilmente reconhecível. Volpi nos remete a antigas festas de São João, a arraiais imaginários de nossa infância, a cenas que povoam as nossas lembranças mais antigas. Com isso, ele imita algo que tem lugar na realidade. Como é, porém, que ele faz isso? Não há nenhuma menção a uma festa junina em específico, nem tampouco podemos ter certeza de que as bandeiras são de festas de São João. Poderíamos muito bem pensar em momentos de Copa do Mundo, nos quais as cidades ficam todas enfeitadas de bandeiras.

Não importa. Por mais que não consigamos dizer exatamente que festa é essa pintada por Volpi, sua pintura nos evoca uma experiência humana, uma vivência de nossos tempos de criança. Há, assim, não uma relação direta com uma realidade desde o princípio dada, mas, antes, uma ligação com uma experiência possível, que é capaz de

despertar em cada um de nós sentimentos diversos. Bem, mas é exatamente isso que nos diz Aristóteles sobre a diferença entre poesia (arte em geral) e história:

“

Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (...) – diferem, sim, na medida em que um diz as coisas que sucederam, e o outro as coisas que poderiam suceder. Por isso, a poesia é mais filosófica e mais séria do que a história, pois a poesia se refere principalmente ao universal, enquanto a história se refere ao particular.

(Aristóteles, Poética, 1451b.)

”

O que Aristóteles afirma parece a princípio incoerente. No entanto, se pensarmos bem, seremos obrigados a dar razão a Aristóteles. Quem nunca viu um filme bem ruim, que começa com a seguinte afirmação: “Esse filme se baseia em fatos reais”. A realidade muitas vezes não nos ensina nada, não nos toca o coração e pode mesmo ser bastante incongruente. A ficção não, pois ela fala não do que efetivamente aconteceu, mas do que pode acontecer. Ou seja, ela dá voz à possibilidade em sua lógica interna.

É por isso que um clássico da literatura, um filme excepcional, um quadro ou uma música não são a simples expressão da vontade do autor, mas revelam, antes, uma obediência à vida das personagens. Não deve ter sido fácil para Chico Buarque, por exemplo, compor a situação dramática de uma mulher sendo abandonada em “Atrás da porta”. Ou será que é simples sentir algo como o que ele diz na seguinte estrofe: “Quando olhaste bem nos olhos meus/E o teu olhar era de adeus/Juro que não acreditei/Eu te estranhei, me debrucei/Sobre o teu corpo e duvidei/E me arrastei, e te arranhei/E me agarrei nos teus cabelos/Nos teus pelos, teu pijama/Nos teus pés, ao pé da cama.”

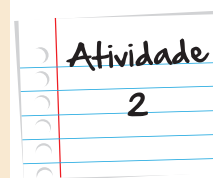
A partir do que vimos acima, escreva um comentário sobre a seguinte frase do escritor francês André Gide:

“

Com os bons sentimentos sempre se fez a má literatura.

”

Anote suas respostas em seu caderno





Saiba Mais

Aristóteles, nascido na cidade macedônia de Estagira. Sua obra possui uma amplitude talvez nunca igualada. Aristóteles escreveu sobre ética, política, filosofia da natureza, estética, retórica, lógica, conhecimento, entre muitos outros temas. Além disso, ele foi preceptor do grande gênio militar Alexandre, o Grande, um dos homens a construir um dos maiores impérios até hoje vistos, unificando a Europa e a África do Norte. Veja como nos conta Caetano Veloso a relação entre Alexandre e Aristóteles em um trecho de sua música “Alexandre”.

“Alexandre, de Olímpia e Felipe o menino nasceu, mas ele aprendeu que seu pai foi um raio que veio do céu./ Ele escolheu seu cavalo por parecer indomável/E pôs-lhe o nome Bucéfalo, ao dominá-lo/ Para júbilo, espanto e escândalo do seu próprio pai/Que contratou para seu preceptor um sábio de Estagira/Cuja cabeça sustenta ainda hoje o Ocidente/O nome Aristóteles – nome Aristóteles – se repetiria/Desde esses tempos até nossos tempos e além./Ele ensinou o jovem Alexandre a sentir filosofia/ Pra que mais que forte e valente chegasse ele a ser sábio também.”(Caetano Veloso, trecho da música Alexandre.)

Seção 3

A descoberta da experiência estética subjetiva: Kant e a tentativa de pensar o que acontece em nós diante da arte bela e arte sublime

Nós vimos como Platão e Aristóteles trataram, respectivamente, a experiência estética simplesmente a partir da relação da obra de arte com a verdade e com as possibilidades de descrever experiências humanas possíveis. Nos dois casos, o que estava em questão não era tanto o que acontece com o homem diante da obra de arte, mas o que acontece na obra de arte.

As coisas mudam radicalmente no momento em que mudamos o acento característico da experiência estética, quando não pensamos tanto na obra, mas no sujeito diante da obra. Essa mudança encerra em si, por outro lado, mais um capítulo no interior da história das ideias estéticas, um capítulo representado, antes de tudo, pelo filósofo alemão Immanuel Kant.

A grande transformação pela qual passa a estética por meio de Kant pode ser descrita, sobretudo, em função da alteração do foco. Como costuma acontecer em geral com filosofia, aqui também é o modo como se estabelecem as perguntas que determinam o tipo de resposta que iremos encontrar. Kant não pergunta mais em que medida uma obra de arte pode nos comunicar a verdade. Ele não parte mais da ideia de inspiração divina, nem tampouco da ideia

de que a arte tem um compromisso com as coisas pensadas em sua dimensão possível. Ao contrário, ele pergunta o seguinte: o que acontece com o homem quando ele se encontra diante de uma obra e diz que ela é uma obra bela? Mais ainda, o que acontece quando ele se vê tomado por uma experiência sublime? Com isso, surgem as definições kantianas dessas duas noções que passam a ser decisivas para toda e qualquer experiência estética posterior.

Belo, para Kant, é “prazer sem conceito”, é “visão desinteressada do objeto”, é “aquilo que aumenta o meu sentimento de vida” e “que conta com a anuência de todos os homens”. Essas quatro definições parecem muito complexas, mas falam de uma experiência bem cotidiana com o belo em geral. Em que medida?

1. Quando consideramos algo belo, não o consideramos belo por razão alguma: algo não é belo, porque nos aprimora em termos morais, porque nos instrui, porque nos torna mais espertos etc. Quando algo é julgado belo por nós, é a sua simples presença que nos fala ao coração. É por isso que nos sentimos tomados por uma proximidade imediata das coisas, quando as consideramos belas.
2. Se o belo não pode ser belo por obediência a nenhum conceito ou finalidade prévia, então não há nenhum interesse que nos desvie o olhar ou os outros sentidos em geral do que se apresenta para nós. Estar diante de algo belo é estar tomado exclusivamente pelo interesse da obra. É claro que alguém pode comprar uma obra de arte por seu valor comercial. Quando ele faz isso, porém, ele perde a experiência do belo.
3. Belo é aquilo que aumenta o nosso sentimento de vida, exatamente porque belo é aquilo que nos deixa mais intensamente presentes junto a alguma coisa. Cotidianamente, deixamos muitas vezes as coisas passarem por nós sem que lhes prestemos muita atenção. Vivemos, com isso, sem grande intensidade. Isso não é possível diante do fenômeno do belo. O fenômeno do belo nos impede um modo mediano de estar presente. Pensemos no entusiasmo com a música! Na alegria diante de um bom filme!
4. Por fim, o belo é o que conta com a anuência de todos os homens, porque, ao nos colocarmos diante de algo belo, descobrimos imediatamente a possibilidade de comunicar essa experiência aos outros. É difícil sair de um bom filme ou de uma boa peça de teatro, por exemplo, sem pensar em ligar para alguém, em falar imediatamente com ele, em compartilhar com a pessoa que está ao nosso lado o nosso entusiasmo. O belo, portanto, une os homens e torna possível para eles descobrirem a sua humanidade comum.

Ora, mas o que dizer do sublime? Sublime, para Kant, é aquilo que confronta a nossa razão com algo de dimensões enormes, muito maiores do que o nosso poder de compreensão.

Será que você consegue trabalhar agora com essas duas categorias estéticas kantianas?

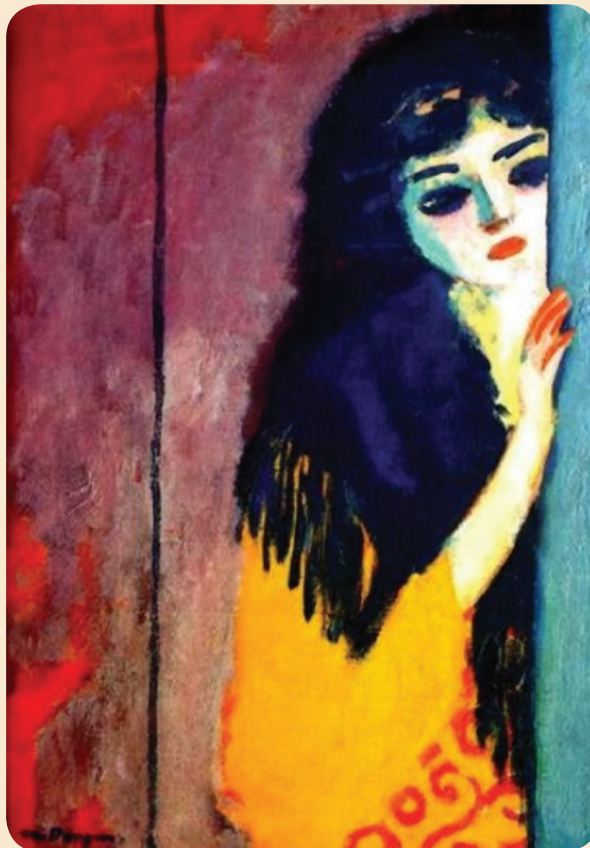
Atividade
3

Identifique as imagens e os textos a seguir quanto ao seu caráter belo ou sublime e procure justificar a resposta:

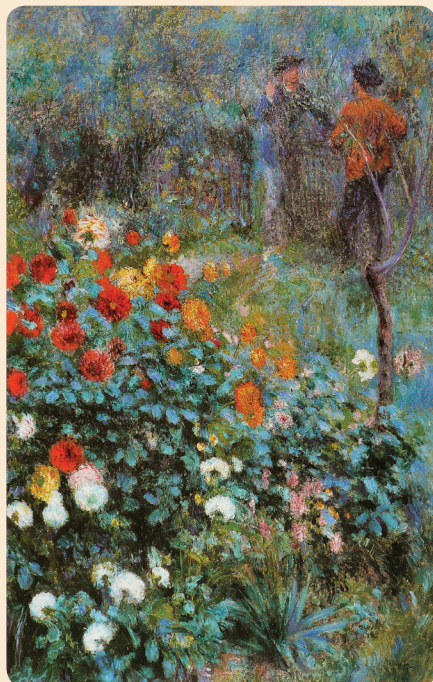


1.

Fonte: Quadro do pintor romântico alemão Kaspar David Friedrich: O monge na praia.

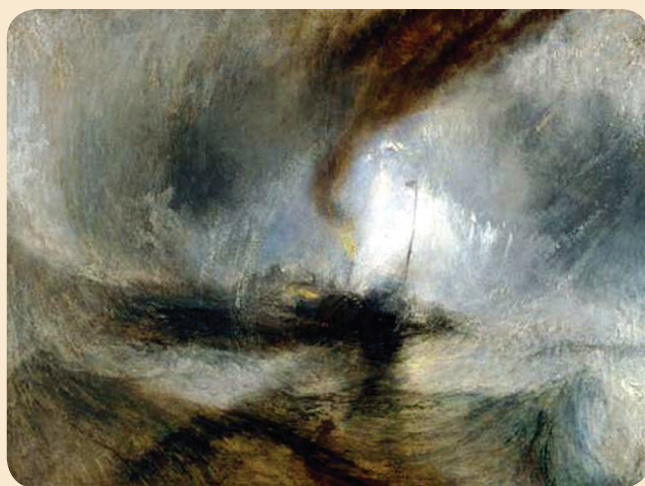


Fonte: Quadro do pintor impressionista holandês Kees van Dongen – A cigana.



2.

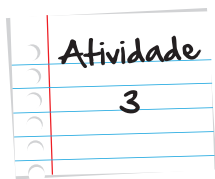
Fonte: Quadro do pintor impressionista francês Pierre Auguste Renoir – O jardim na rua Cortot.



3.

Fonte: Quadro do pintor inglês William Turner – A tempestade.

4. "Ao ser engolido pela amplitude infinita dos espaços dos quais nada sei e que ao mesmo tempo não sabem nada de mim, eu tremo." (Blaise Pascal – Pensamentos.)
5. "Algum lugar em que eu nunca estive, alegremente além" (E. E. Cummings – Tradução de Augusto de Campos):



“

Nalgum lugar em que eu nunca estive, alegremente além
de qualquer experiência, teus olhos têm o seu silêncio:
no teu gesto mais frágil há coisas que me encerram,
ou que eu não ousa tocar porque estão demasiado perto
teu mais ligeiro olhar facilmente me descerra
embora eu tenha me fechado como dedos, nalgum lugar
me abres sempre pétala por pétala como a Primavera abre
(tocando sutilmente, misteriosamente) a sua primeira rosa
ou se quiseres me ver fechado, eu e
minha vida nos fecharemos belamente, de repente,
assim como o coração desta flor imagina
a neve cuidadosamente descendo em toda a parte;
nada que eu possa perceber neste universo iguala
o poder de tua imensa fragilidade: cuja textura
compele-me com a cor de seus continentes,
restituindo a morte e o sempre cada vez que respira
(não sei dizer o que há em ti que fecha
e abre; só uma parte de mim compreende que a
voz dos teus olhos é mais profunda que todas as rosas)
ninguém, nem mesmo a chuva, tem mãos tão pequenas quanto as tuas.

”

Anote suas
respostas em
seu caderno

Immanuel Kant (1724-1804) é um dos principais pensadores alemães da época do Esclarecimento. Decisivo por sua tentativa de pensar os limites do conhecimento racional e por estabelecer em que bases seria possível um conhecimento rigoroso de objetos, Kant alterou substancialmente o modo de se pensar a filosofia e a própria dinâmica de realização do filosofar. Suas obras capitais dividem-se nos três âmbitos fundamentais da filosofia: A crítica da razão pura (teoria do conhecimento), A crítica da razão prática (ética) e A crítica da faculdade de julgar (estética).



Saiba Mais

Seção 4

Arte como chave para a compreensão da vida: a arte e o seu papel na determinação do modo de ser de todas as coisas Nietzsche e a metafísica de artista

“

Temos a arte, para que não pereçamos sob o peso da realidade
(F. Nietzsche).

”

Ainda há, porém, uma outra possibilidade de tratar do fenômeno estético. Essa possibilidade foi considerada pela primeira vez pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Nietzsche não procura pensar nem o belo em particular como algo que caracteriza um certo conjunto de obras de arte, nem o fenômeno estético em geral como algo que acontece no interior daquele que é tocado pela obra de arte. Ele critica tanto uma estética objetivista quanto uma estética subjetivista. Para Nietzsche, o decisivo é antes pensar o que se dá no interior do próprio processo criador. Ele mesmo nos diz isso em uma pequena passagem de um “Ensaio de autocrítica” que ele escreveu para o seu livro inaugural: O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo (1869).

“

A tarefa de que esse livro temerário ousou pela primeira vez se aproximar foi – ver a ciência com a ótica do artista, mas a arte, com a da vida...

”

Arte e vida. Esses são os dois termos centrais da perspectiva estética nietzschiana. Pensar a arte como desempenhando um papel central para a compreensão do modo de ser da vida, ou melhor, ver a arte como concreção exemplar do que caracteriza em essência a vida. Como a arte faz isso, porém, para Nietzsche?

A partir da percepção da presença de dois elementos que se encontram acentuadamente na arte, mas que dizem respeito a toda e qualquer forma de vida em geral: o que Nietzsche denomina por meio da menção a dois deuses gregos, Apolo e Dioniso, que dão voz em si mesmos à tensão entre identidade e destruição da identidade, ser e vir-a-ser, aparência e destruição da aparência, limite e ilimitação, determinação e indeterminação. Mas em que medida esses dois elementos estão presentes em toda e qualquer forma de vida?

Consideremos um texto do próprio Nietzsche sobre a junção desses dois princípios a partir da imagem da criança em sua proximidade com a figura do artista:

”

“

(...) um vir-a-ser e perecer, um construir e destruir, sem nenhuma prestação de contas de ordem moral, só tem neste mundo o jogo do artista e da criança. E assim como joga a criança e o artista, joga o fogo eternamente vivo, constrói em inocência – esse jogo joga o instante eterno consigo mesmo. Transformando-se em água e terra, faz, como uma criança, montes de areia à borda do mar, faz e dismantela: de tempo em tempo começa o jogo de novo. Um instante de saciedade: depois a necessidade o assalta de novo, chama à vida outros mundos. Às vezes, a criança atira fora seu brinquedo: mas logo recomeça, em humor inocente

(NIETZSCHE, 2009).

”

O que importa nessa passagem é justamente a relação entre a criança e o artista. Da mesma forma que a criança, o artista também é marcado pelo jogo de construção, destruição e reconstrução. O que temos aqui não é simplesmente a feitura de uma obra e o contentamento absoluto com essa obra. Ao contrário, no momento mesmo em que termina um trabalho, o artista se vê diante da necessidade de abandonar o que foi feito e se lançar em direção a um novo fazer. Renovação, por isso, é o sobrenome da arte. Carlos Drummond de Andrade disse certa vez que o pior plágio é o plágio de si mesmo: copiar a si mesmo, não conseguir mais se renovar, transformar a arte em uma fórmula é a miséria da arte.

Ora, mas não é apenas a arte que é assim. A vida também segue o mesmo caminho. Na vida, tudo depende da nossa capacidade de descobrir como ligar com maestria os diversos elementos que nos cercam e de encontrar nos momentos de sucessos uma forma de ir além, de não ficar preso no que um dia funcionou, mas passou. Nesse contexto, os deuses gregos Apolo e Dioniso são exemplares. Apolo é o deus da plena realização da identidade, o deus dos processos de surgimento da bela aparência. Como o deus que carrega o arco e cuja flecha é tão precisa que fere e cura, ele descreve a possibilidade de a existência se realizar em sintonia com tal precisão, alcançando a solução do enigma que ela é, o enigma de quem realmente somos. Dioniso, por sua vez, como o deus do vinho e da embriaguez, aponta para a imensidão da vida para além de toda identidade. Não importa o quão plenamente uma obra ou uma existência se mostrem: a vida sempre destrói o feito, abrindo o espaço para novas possibilidades de fazer. É isso que, para Nietzsche, a arte nos ensina.

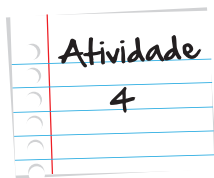
E mais ainda. Como a destruição das formas abre o espaço para o surgimento de formas ainda mais belas, de formas móveis, animadas, a arte ensina a redenção eterna da existência, a superação de toda visão negativa da vida.



Apolo de Belvedere/ séc. 2 d. C.)



(Dioniso – Caravaggio – 1595)



A partir do que vimos, escreva verdadeiro ou falso nas sentenças:

1. Para Nietzsche, a arte não revela nada sobre a vida. ()
2. A arte é vista aqui como elemento chave para entender o que está em jogo do existir. ()
3. Na arte, ganha voz a tensão entre criar e destruir. ()
4. O grande problema da vida é não conseguir manter sempre os mesmos modos de ser. ()
5. Apolo é o deus da identidade, e Dioniso, o deus da renovação. ()
6. É preciso aprender a deixar as coisas passarem, para poder reencontrar o prazer da criação. ()
7. A arte justifica a vida. ()

Anote suas respostas em seu caderno

Resumo

A presente lição esteve voltada, antes de tudo, para a apresentação de quatro modos tradicionais de pensar o fenômeno estético. Vamos à nossa síntese geral!

1. Em primeiro lugar, partimos da tentativa platônica de pensar a relação entre arte e verdade, assim como os problemas da arte como inspiração divina.
2. Em seguida, partimos para a consideração da posição de Aristóteles, que vê na arte antes uma potência humana. Para ele, a arte tem o potencial de concretizar experiências humanas, justamente na medida em que ela não se atém à casualidade dos acontecimentos medianos da vida, mas pensa a vida a partir do poder-ser.
3. Esse segundo momento preparou a passagem para o mundo moderno e para a visão kantiana da arte bela e da arte sublime como descrevendo experiências que se dão no interior do sujeito que julga a obra de arte.

4. Por fim, tratamos da compreensão nietzschiana da arte como chave para pensar a vida, algo que será ainda mais desdobrado na próxima unidade, que tratará sobre a “filosofia da arte”.

Vamos em frente!

Veja ainda:

Como essa unidade 7 tratou da experiência estética a partir de quatro compreensões diversas, mas como essas quatro compreensões tratam do caráter revelador da arte, nada mais justo do que indicar livros e filmes onde esse caráter esteja em questão. Aqui seguem algumas dicas de leitura e de cinema. Não perca a oportunidade de ir além:

- LISPECTOR, Clarice. A paixão segundo GH. São Paulo: Rocco, 2008.
- GOMBRICH, Ernest. A história da arte. São Paulo: LTC, 2000.
- Filme: Viver. Com Takashi Shimura, direção de Akira Kurosawa, 1952.
- Filme: Pulp Fiction. Com John Travolta, Bruce Willis e Uma Thurman. Direção de Quentin Tarantino, 1994.

Referências

- ARISTÓTELES. Poética. São Paulo: Ars Poética, 1988.
- GOMBRICH, E. História da arte. São Paulo: LTC, 2000.
- KANT, Immanuel. Crítica da faculdade de julgar. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- NIETZSCHE, F. O nascimento da tragédia: Helenismo e Pessimismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- NIETZSCHE, F. A filosofia na época trágica dos gregos. Ed. Edições 70. Edição 2009.
- PLATÃO. Íon. Belém: Editora Universidade do Pará, 2011.

Imagens



• Acervo pessoal • Andreia Villar



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Raffael_010.jpg



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Platon-2.jpg>



• http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Aristotle_Altemps_Inv8575.jpg?uselang=es



• <http://www.brasil.gov.br/galeriadearte/banco-central-brasilia-df/bandeira-branca-e-verde>



• http://en.wikipedia.org/wiki/File:Caspar_David_Friedrich_029.jpg



• <http://www.flickr.com/photos/centralasian/5382571684/sizes/m/in/photostream/>



• http://fr.wikipedia.org/wiki/Fichier:Pierre-Auguste_Renoir_-_Jardin_de_la_rue_Cortot.jpg



• <http://www.flickr.com/photos/mjomc/5023808773/>



• http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Belvedere_Apollo_Pio-Clementino_Inv1015.jpg



• <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Bacco.jpg>



• <http://www.sxc.hu/photo/517386> • David Hartman.



• http://www.sxc.hu/985516_96035528.



• <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=1024076> • Michal Zacharzewski.

Atividade 1

1. No poema de Jean Paul, o que vem à tona é a capacidade da memória de reter tudo aquilo que tende a desaparecer. Por mais que a morte se abata sobre nós, por mais que o tempo passe, por mais que seja duvidoso o acesso a algo assim como o reino de Deus, sempre permaneceremos ou ao menos podemos permanecer na memória dos homens.
2. Gilberto Gil revela em que medida as palavras podem ganhar significados extraordinários no interior da poesia. Ao mesmo tempo, ao revelar tal possibilidade, ele nos lembra que as palavras são mais ricas do que a princípio pensamos.
3. Falando do que há de igual a tantos Severinos e acentuando a morte que todos têm como a mesma, João Cabral consegue nos colocar imediatamente em contato com a dura realidade do homem pobre do Nordeste, que se vê desde o princípio exposto a uma série enorme de violências.
4. No texto de Goethe, o que está em jogo é a riqueza da poesia e a necessidade de superar a tendência de se relacionar com ela de maneira superficial. Como ele mesmo diz, é preciso se aproximar dela para descobrir o que ela traz consigo.

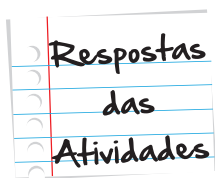
Atividade 2:

A resposta depende da compreensão do estudante. Não há uma única resposta.

Atividade 3

1. Arte sublime – Temos aqui claramente o contraste enorme entre a força da natureza na praia e a pequenez do monge na beira do mar.
2. Arte bela – O quadro de Kees van Dongen nos comove pela singeleza das cores, pelo olhar algo melancólico da cigana que vê seu amor indo embora.
3. Arte bela – A relação de Renoir com a natureza acentua antes a harmonia das cores do que a violência desafiadora que confronta a razão com os seus limites.

Respostas
das
Atividades



Respostas
das
Atividades

4. Arte sublime – O quadro de Turner mostra a impotência do navio em meio à violência da tempestade. Ao mesmo tempo, o quadro parece juntar mar e céu contra o homem, o que acirra ainda mais a tensão.
5. Arte sublime – O texto de Pascal comenta a sensação aterradora do homem moderno diante de um universo silencioso e indiferente para todas as dores humanas.
6. Arte bela – O poema de E. E. Cummings nos comove ao falar sobre o poder da ternura da amada e a sua capacidade de abrir caminhos para a realização do amor.

Atividade 4:

1) F; 2) V; 3) V; 4) F; 5) V; 6) V; 7) V.

O que perguntam por aí:

Vestibular de Inverno UEM/CVU – 2011!

“A palavra arte vem do latim ars e corresponde ao termo grego tekhnē, ‘técnica’, significando toda atividade humana submetida a regras, tendo em vista a fabricação de alguma coisa que será acrescentada à natureza. Sobre o conceito de arte, assinale o que for correto.”

01) Inicialmente ligada às atividades manuais dos artífices, a arte, no período clássico, era um saber prático dotado de regras para a produção de um objeto artificial.

02) A partir do conceito de juízo de gosto, amplamente estudado por Immanuel Kant, a experiência artística visa ao ponto de vista do sujeito (espectador, ouvinte, leitor), que avalia o objeto belo.

03) Para Maurice Merleau-Ponty, a arte funda uma tradição apoiada sobre outra tradição: a percepção, responsável pelos nossos hábitos e, ao mesmo tempo, abertura para o mundo.

04) É particular à arte, em relação a outros tipos de atividades humanas, o fato de não transformar ou transfigurar a realidade existente, ou seja, é neutra em face ao mundo.

05) As artes mecânicas, nos séculos XVII e XVIII, intensificaram a relação entre o artista e o sagrado, razão pela qual as vanguardas modernas retornam às manifestações religiosas do divino, pois é seu papel a preservação dos mitos.

A resposta correta é, como vimos na presente unidade, a número 2.





Atividade extra

Questão 1

Em sua teoria da ideias, Platão divide a realidade em dois universos distintos: o inteligível e o sensível. O primeiro é constituído pelas formas puras, as essências e o fundamento da existência dos seres do segundo. Assim, tanto os seres da natureza quanto os homens são cópias sensíveis de modelos originais inteligíveis. A partir desta teoria Platão faz uma crítica à arte.

Pesquise sobre o assunto e apresente o argumento central da crítica de Platão à arte?

Questão 2

Na estética de Platão e Aristóteles o que estava em questão era a obra de arte. Há, na modernidade, uma mudança de perspectiva, principalmente nas obras de Kant. O que passa a ser o objeto de reflexão do filósofo?

Questão 3

A palavra “feio” é definida como algo de “aspecto desagradável”. Que relação podemos estabelecer entre esta definição e a perspectiva estética de Kant?

Leia o texto a seguir e responda a questão 4 e 5.

A águia e a coruja

(Esopo)

Coruja e águia, depois de muita briga, resolveram fazer as pazes.

- Basta de guerra - disse a coruja. O mundo é tão grande, e tolice maior que o mundo é andarmos a comer os filhotes uma da outra.

- Perfeitamente - respondeu a águia. - Também eu não quero outra coisa.

- Nesse caso combinemos isso: de agora em diante não comerás nunca os meus filhotes.

- Muito bem. Mas como vou distinguir os teus filhotes?

- Coisa fácil. Sempre que encontrares uns filhotes lindos, bem feitinhos de corpo, alegres, cheio de uma graça especial que não existe em filhote de nenhuma outra ave, já sabes, são os meus.

- Está feito! - concluiu a águia.

Dias depois, andando à caça, a águia encontrou um ninho com três monstrenhos dentro, que piavam de bico muito aberto.

- Horríveis bichos! - disse ela. Vê-se logo que não são os filhos da coruja.

E comeu-os.

Mas eram os filhos da coruja. Ao regressar à toca a triste mãe chorou amargamente o desastre e foi justar contas com a rainha das aves.

- Quê? - disse esta, admirada. Eram teus filhos aqueles monstrenhos? Pois, olha, não se pareciam nada com o retrato que deles me fizeste...

Questão 4

A fábula apresenta o belo como algo que depende da perspectiva de quem julga. O que a coruja achou belo foi chamado de “monstrenhos” pela águia. Na sua opinião que crítica seria feita pelo filósofo Nietzsche a esta concepção?

Questão 5

A fábula citada tem como moral o ditado popular “Quem ama o feio, bonito lhe parece”. Explique porque podemos afirmar que esta “moral da história” carrega em si um conceito pré-concebido.

Gabarito

Questão 1

Para Platão o mundo sensível (a natureza e os homens) é uma cópia do real. Pensando assim, Platão entende que a arte seria uma cópia da cópia, afastando-se mais ainda da do mundo inteligível. A imitação da cópia é o que Platão chama de Simulacro, que introduz uma desmedida maior do que a própria existência do mundo natural. Por isso Platão rejeita a arte em seu estado ideal, querendo, com isso, substituir a Poesia pela Filosofia.

Questão 2

A grande transformação pela qual passa a estética por meio de Kant pode ser descrita, sobretudo, em função da alteração do foco. Não é mais a obra de arte o interesse de Kant. Sua questão é saber o que acontece com o homem quando ele se encontra diante de uma obra e diz que ela é uma obra bela. Mais ainda, o que acontece quando ele se vê tomado por uma experiência sublime. Enfim, o interesse de Kant é a experiência estética e não mais a obra de arte.

Questão 3

Segundo Kant, quando algo é julgado belo por nós sua simples presença nos fala ao coração e nos sentimos atraídos. Sua presença nos é agradável. Assim, se, ao contrário, julgamos algo feio este algo nos aparece como desagradável, e, segundo a teoria estética de Kant, esta sensação nos afastará.

Questão 4

Resposta pessoal, mas que deve considerar a postura estética de Nietzsche que critica tanto a estética objetivista clássica quanto a estética subjetivista de Kant.

Questão 5

Na moral da história o feio aparece como algo absoluto, existente em si mesmo. É feio. Se alguém gosta do que é feio, este lhe aparece como bonito, mas, em verdade, em essência é feio. Esta forma de pensar é carregada do pré-conceito de que as coisas são belas ou feias em si mesmas.